

INCLUSÃO



Nunca é tarde para começar

Aos 88 anos, dona Luíza Maria realiza um sonho que acalentava desde criança: ir à escola e aprender a ler e escrever corretamente. Aposentada vai estudar no mesmo local onde trabalhou como faxineira

» JÁDER REZENDE

Costureira, artesã e bordadeira de mão cheia, a mais velha estudante do ensino fundamental do Distrito Federal sonha em fazer faculdade de moda. Aos 88 anos, a aposentada Luíza Maria dos Santos sempre sonhou em frequentar a escola e também lecionar, mas a pressão do marido — falecido há seis anos e com o qual teve 10 filhos — sempre atrapalhou seus planos. Recém-matriculada no programa Educação para Jovens e Adultos (EJA) no Centro Educacional de Ensino 04 (CED 04), no Guará, onde trabalhou como faxineira e porteira entre os anos 1960 e 1970, ela passou a ser a sensação da escola logo no primeiro dia de aula, na segunda-feira (13).

Avó de cinco, bisavó de três e com três stents implantados no coração, Luíza conta que chegou a se matricular pelo menos quatro vezes em diferentes escolas para tentar dar vazão ao seu maior desejo. Ia escondida às aulas, mas o ciúme do companheiro sempre falou mais alto. “Ele não queria que eu aprendesse a ler nem escrever para não

mandar cartas e nem receber correspondências de outros homens. Descobria onde eu queria estudar, ia lá e me levava pra casa, na marra. Como sou da época em que mulher foi educada para respeitar o esposo, acabava cedendo”, recorda, completando que, além da pressão do marido, o fato de ter engravidado sucessivas vezes a impedia de tentar outras atividades, principalmente estudar. “Hoje em dia é diferente, a mulher tem que estudar onde ela gosta e fazer o que quiser, na hora que lhe der na telha”, afirma.

Atrás da porta

Nascida em Alto Longá e criada em Campo Maior, no Piauí, em uma família também numerosa, de 13 irmãos, Luíza passou a infância e parte da adolescência acompanhando o pai na roça, capinando e plantando mandioca. Depois da colheita, era encarregada de descascar e moer o tubérculo para fazer farinha e alimentar a todos. Além disso, cabia a ela ir todos os dias no riachinho pegar água e encher os potes de barro para a mãe cozinhar.

“Foi uma infância pobre, mas muito boa. A gente não ia pra escola, mas brincava, cantava e dançava no terreiro. Tudo pra gente era festa”, lembra Luíza, que veio com o marido e dois filhos para Brasília em 1962, logo depois da inauguração da nova capital, se estabelecendo no Guará, onde vive até hoje.

“Trabalhei muito desde então, sempre em escolas, fazendo limpeza, até que, depois de dez anos naquela função, fui promovida e passei a ficar nas portarias, tocando o sinal e levando recados para os professores e diretores. Foi assim em quatro escolas diferentes”, diz, confessando que o fato de viver em um ambiente que sempre lhe despertou fascínio, mas não podia sequer pensar em aprender a ler e escrever corretamente, sempre foi motivo de angústia, embora velada.

“Tinha vontade de crescer, de aprender as coisas, ver o mundo de forma diferente. Agora, qualquer coisa pra mim vai ser novidade, até uma palavra que não conheço”, diz, recordando que, no Piauí, via os filhos de fazendeiros estudando com professores particulares e tentava aprender

alguma coisa ouvindo atrás da porta, mas não adiantou muito. “Tudo o que sei hoje aprendi por conta própria”, diz.

Descobrimo o EJA

Depois de perder o marido, Luíza passou a estudar em casa. Contratou uma professora particular, mas não demorou muito para dispensá-la, por ser muito caro. “As aulas estavam pesando no meu orçamento. Pagava R\$ 50 por hora e ficava muito caro no final”, lamenta. Em seguida, prosseguiu ela, assistindo à tv, viu uma matéria sobre a abertura de inscrições para o EJA e ficou sabendo que o processo de matrícula poderia ser feito por meio de um simples telefonema. “Foi no dia 10 de janeiro. Liguei para o número 156 imediatamente e resolvi meu problema. Ninguém lá em casa ficou sabendo, fiz tudo sozinha. Finalmente estou pronta para aprender. Era tudo o que eu queria. Hoje leio um pouco gaguejando, mas vou me esforçar para melhorar. O pouco que eu souber já vai me valer muito. Me sentirei formada”, comemora.